

**A constituição da subjetividade feminina no processo de valorização das mulheres em
Camadas das memórias em lágrimas, de Monique Malcher**

**La constitución de la subjetividad femenina en el proceso de valoración de las mujeres
en *Capas de recuerdos en lágrimas*, de Monique Malcher**

Cristiane de Mesquita Alves
Universidade Federal do Pará - UFPA
Belém/ PA- Brasil

Resumo

O objetivo deste estudo é apresentar como é constituída uma identidade subjetiva das mulheres presentes no conto *Camadas das memórias em lágrimas*, do livro *Flor de Gume* (2023) da escritora paraense Monique Malcher, a partir da observação das estratégias organizadas por elas, para se desvincularem do domínio do território masculino que as mantinha na condição de subalternidade e opressão. Para tanto, a pesquisa foi organizada com base em uma metodologia bibliográfica, de revisão de literatura dos estudos de teoria feminista de Beauvoir (2009), Cixous (2022) e Zizane (2013) no que diz respeito ao pensamento feminista, papel identitário e formação subjetiva da mulher, enquanto sujeito e reconhecimento de si no processo de valorização de seu lugar na sociedade; Lerner (2019) sobre a criação do patriarcado e sua insistência na perpetuação de controle sob os corpos e comportamentos das mulheres e outras teóricas que contribuíram para a construção da argumentação levantada no trabalho.

Palavras-chave: Mulheres; Identidades; Patriarcado.

Resumen

El objetivo de este estudio es presentar cómo se constituye la identidad subjetiva de las mujeres presentes en el cuento *Capas de recuerdos en lágrimas*, del libro *Flor de Gume* (2023) de la escritora paraense Monique Malcher, a partir de la observación de las estrategias organizadas por ellas, para desvincularse del dominio del territorio masculino que las mantenía en una condición de subalternidad y opresión. Para ello, la investigación se organizó con base en una metodología bibliográfica, una revisión bibliográfica de los estudios de teoría feminista de Beauvoir (2009), Cixous (2022) y Zizane (2013) en lo que respecta al pensamiento feminista, el rol identitario y la formación de la visión subjetiva de las mujeres. , como sujeto y autorreconocimiento en el proceso de valoración de su lugar en la sociedad; Lerner (2019) sobre la creación del patriarcado y su insistencia en perpetuar el control sobre los cuerpos y comportamientos de las mujeres y otros teóricos que contribuyeron a la construcción de los argumentos planteados en la obra.

Palabras clave: Mujeres; Identidades; Patriarcado.

Introdução

As relações entre identidade, memória, discurso de resistência e ancestralidade norteiam os temas dos contos de Monique Malcher. Ela emprega os fios da memória para abrir o repositório das lembranças infantis como um espaço intersubjetivo que arquitetará a formação identitária de suas narradoras e personagens envolvidas no tecido de representatividade do feminismo, seja ele apresentado em sua ação explícita, seja em exemplos implícitos que não deixam de ser configurados como práticas de uma ação de resiliência e de comportamento feminino insubmisso frente aos costumes sociais, ainda como heranças fortes do patriarcado.

O feminismo, como uma expressão do pensamento da mulher, ato político, social e ideológico que ao longo dos séculos, com mais participação ativa a partir do século XIX, está presente na constituição da subjetividade da mulher presente nas narrativas que compõem o livro *Flor de Gume*. São mulheres que foram educadas pelo sistema patriarcal, mas que souberam encontrar uma maneira de driblar a estrutura social e ensinar as suas sucessoras uma educação que as fizessem compreender a sua feminilidade – distante da categoria da domesticalização e objetivação e a se verem como sujeitos; e, nesta construção de identidade, de quem exerce a ação sobre seu corpo e seu pensamento, passaram a prática da observação das mais velhas, na primeira lição de aprender o que é uma mulher e tornar-se mulher de acordo com sua individualidade.

Nessa trajetória, Monique Malcher escreve um livro - teias, no qual, cada uma delas é responsável por caminhar os passos de um perfil feminino em uma linha da memória de uma mulher - escritora- narradora- personagem- leitora descrevendo o cotidiano, as experiências, os aprendizados, os erros, os acertos, os aromas, as plantas, os rios e os animais que simbolizam os territórios e as companhias de corpos femininos que andam pelos corredores da casa, navegam rios, ruas, cidades, presas em constante autovigília sobre o que fazer, o que pensar, no que é adequado ou não para mulheres; por outro lado, há aquelas que se libertaram do muros imaginários que são retratadas no livro de Monique, como exemplos de emancipação e rebeldia sadias para a mulher.

Nesse ponto de vista, *Flor de gume* é mais que um livro de contos organizado por três partes que narram vidas de mulheres, é um catálogo de memórias que as leitoras que viveram histórias tão comuns as narradoras e as personagens do livro, vão se identificando com elas. É um livro de irmandade também.

Diante disso, esta pesquisa realiza uma análise interpretativa, à luz da teoria feminista, a partir da leitura do conto *Camadas das memórias em lágrimas*, uma das narrativas da

segunda parte do livro. Assim, o estudo se organiza, além da introdução, de um desenvolvimento estruturado em duas partes: a primeira, apresenta um desenho da escrita literária feminina de Monique Malcher na atualidade e a segunda parte, destinada à análise do conto em questão numa perspectiva de exemplificar uma desconstrução do controle do patriarcado sobre a mulher e, como isso impacta na elaboração da subjetividade identitária feminina, com base nas apresentações de três mulheres que compõem a história. Somado a isso, tem-se a conclusão e a relação das teóricas que sustentaram as ideias presentes no trabalho.

Desenho de Monique Malcher na literatura feminina atual

Monique Malcher de Carvalho (1988) é uma escritora, artista plástica, colagista e antropóloga que nasceu em Santarém, no Estado do Pará. Graduiu-se em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, pela Universidade da Amazônia (UNAMA) em 2012. Fez seu mestrado em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), na linha de pesquisa Gênero e Sexualidade entre os anos de 2016 e 2018, e, neste último ano ingressou no Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Como pesquisadora, Monique se interessa por investigar temas acerca do feminismo, corpo, sexualidade, estética, identidade, arte e cultura, quadrinhos, cinema, teoria queer e performance (MALCHER, 2018).

Em 2021, ganhou o Prêmio Jabuti, na categoria conto pela publicação de seu primeiro livro de contos *Flor de Gume*, publicado em 2020. Monique também é autora e organizadora de várias coletâneas, como: *Trama das Águas* (2020) - organizadora/ capista / conto na coletânea; *Antes que eu me esqueça* (2021) - conto na coletânea; *Abrindo a boca, mostrando línguas* (2021) - conto na coletânea; *Geração 2010: O sertão é o mundo* (2021) - conto na coletânea; *Associação livre* (2023) - zines entre outros. Sobre *Associação Livre*, a escritora escreveu em seu Instagram, em 25 de agosto de 2023:

Existe dentro de nós uma criança sentada em um balanço sem entender que palavras usar ou como sentir o mundo. Três décadas sem saber que eu poderia ser cuidada mentalmente, conheci minha psicóloga. Essa zine autoficcional é uma espécie de cubo mágico com partes desses encontros que se juntam com poesia e associações de referências familiares que uso para criar. Uma publicação filha da imagem do cuidado psíquico com minha forma de olhar o presente e a catástrofe de pela primeira vez na vida me sentir cuidada. “Associação livre” é um convite para através do sonho e da falta do amor romântico e próprio saber fazer as perguntas que pareciam nunca fazer sentido. Passar a limpo as dores da infância. Todas foram confeccionadas por

mim. Faço todo o processo de diagramação, ilustração, impressão, encadernamento e envio. Essa é a terceira reimpressão com poucos exemplares, já que a zine estava esgotada. (MALCHER, 2023a, s/p).

Nesse e em outros textos, Monique Malcher tem a preocupação em cuidar o presente pela associação retrospectiva do passado de uma menina que ainda recorda das dores da infância, buscando mudar uma educação cultural da formação da mulher do passado. A discussão abordada pela autora neste sentido, retrata a condição da “análise da situação cultural da mulher [e como] é relevante no sentido de verificar como ela vê o outro, como é vista pelo grupo dominante e, conseqüentemente, por si mesma” (ZIZANE, 2013, p. 25), a fim de desenvolver na sua ficção e autoficção o fim do silenciamento da voz feminina que, por tanto tempo ficou sufocada para a manutenção da ordem masculina de todas as coisas sobre o mundo patriarcal - cristão, justificada pelo argumento “proposto em termos religiosos: a mulher é submissa ao homem porque assim foi criada por Deus”. (LERNER, 2019, p. 42). No entanto, nas obras de Monique Malcher, as mulheres assumem uma postura insubmissa diante do passado em que sua criança viveu as dores dessa ideologia, assim como suas antecessoras. Monique usa sua escrita para denunciar isso e promover um grande espírito de emancipação feminina.

Monique é uma escritora que assume na atualidade, uma das maiores expressões da literatura de autoria feminina brasileira e inscreve e escreve o texto pelo sopro da mulher inteira. Reestabelece o sentido da escrita de autoria feminina, considerada por Cixous (2022) como a escrita do corpo. A escrita feminina é a escrita que inverte a linguagem das divisórias de classes, formula retóricas, modifica regulamentos e códigos sociais, desestruturando os padrões estabelecidos tanto os impostos para o corpo, quanto para o comportamento e pensamentos femininos.

Aquelas, que, numa só palavra do corpo, inscreveram a imensa vertigem de uma história separada como uma flecha de toda a história dos homens, da sociedade bíblico-capitalista, são essas mulheres, as supliciadas de ontem, que precedem as novas mulheres, depois das quais nunca mais nenhuma relação intersubjetiva será a mesma (CIXOUS, 2022, p. 65).

Partindo-se dessa premissa, a escrita de Monique contribui de forma majestosa para a transformação do pensamento intersubjetivo feminino no texto literário, inúmeras vezes interpretado por homens, ou por mulheres que tiveram seu nome à sombra de seus maridos, irmãos e pais, ou por pseudônimos masculinos. Monique (re) significa esse cenário em transformação e corresponde à vitória da luta de tantas mulheres escritoras precursoras a ela,

sobretudo, de uma mulher nortista, amazônida que pouco tem o seu nome reconhecido no palco artístico, literário e cultural nacional.

Além disso, a escrita de Monique com uma enorme força de crítica social, dilacera a voz da mulher outrora silenciada e impedida de desenvolver uma linguagem própria, e reflete sobre a constituição do sujeito feminino, visto como um “processo com raízes históricas que implica transformações relevantes na sociedade, uma vez que a mudança da mulher acarreta modificações nos papéis sociais que deixam de ser fixos e definidos, tornando-se abertos e indeterminados” (ZIZANE, 2013, p. 55), e isso, pode-se observar na construção de três mulheres, do conto *Camadas das memórias em lágrimas* selecionado para exemplificar como a identidade feminina, nesse complexo de (re) existência é uma construção sócio-histórica, em constante transformação na interação com o outro (masculino), e como no contexto dominado pela ação de um só homem, a resistência de três mulheres em três gerações diferentes convivem com pequenos conflitos familiares, procurando um modo de transformar seu papel dentro da casa, da família e da sociedade.

Cebolas, mulheres, memórias e a constituição de uma subjetividade feminina

O conto narrado em primeira pessoa, inicia a história com o processo de rememoração do que se deve ensinar as crianças, comentando que tipo de infância a narradora-personagem viveu, como uma experiência comum às demais crianças, em um círculo vicioso do patriarcado.

As memórias são descascadas como uma cebola, e tal como ela, a cada camada retirada, há uma sensação triste e a substância aquosa atinge os olhos voluntariamente e instintivamente, que leva, primeiramente a avó da narradora-personagem a chorar e se sentir ainda incapacitada para enfrentar a educação de mulher moldada por sua família tradicional, na qual as outras mulheres da família foram educadas. E, como a menina ainda está no processo de crescimento, ela se encontra mal, como se observa nas primeiras palavras do conto: “É angustiante querer falar quando a ferida na língua ainda está crescendo” (MALCHER, 2023, p. 79).

Essa angústia que a leva a pensar na possibilidade de desmistificar a continuidade de um perfil feminino da mãe e da avó ou aceitar a dita normalidade do que o patriarcado ensinou, faz a narradora-personagem se lembrar de que “não é exclusividade das casas serem assombradas, mulheres são também.” (MALCHER, 2023, p. 79). E inicia sua jornada em busca da constituição identitária baseada no entendimento do silêncio dos gritos, dos choros da avó, em uma tentativa de escutar sua própria voz para entender o seu lugar, pois as mulheres

“ao longo de sua história abafada, elas viveram em sonhos, em corpos calados, em silêncios em revoltas áfonas” (CIXOUS, 2022, p. 65). Assim, a narradora-personagem tece uma longa reflexão sobre a necessidade de ouvir sua voz, como quem declama um poema, para melhor ouvi-lo e entendê-lo, consequentemente, sua voz. Também, demonstra a importância da repetição de uma história, sobretudo, com ênfase nos exemplos e experiências passadas para entender melhor o passado e criar novas expectativas no presente e no futuro:

Uma vez me falaram que se você conta uma história que lhe maltrata, uma memória ruim, o peso e o sofrimento vão aliviando com o tempo, e que apesar da história ser sua, talvez você não tenha ouvido em voz alta, e sabe como é, os poemas às vezes fazem mais sentido ou causam mais impacto quando os declamamos. Tenho repetido tanto o meu nome e as outras palavras que caminham com ele, que não sei mensurar o impacto (MALCHER, 2023, p. 79-80).

O impacto das decisões sociais para uma mulher que decide trilhar o próprio caminho poderia ainda ser considerado como uma afronta ao patriarcado, uma vez que a elas não foram dadas escolhas e nem educação para traçar as diretrizes de suas histórias. Para as mulheres, recai o peso da sexualidade e da questão de gênero, só pelo o fato de elas terem nascido mulheres, como a própria autora do conto expõe em uma das passagens do texto:

Eu pedi por muita coisa, mas às vezes pedir não funciona para uma mulher. Agora entendo por que minha vó simplesmente comia os bombons das grandes lojas escondida. Era a forma de gritar, e cada pessoa nesse mundo encontra as suas. (MALCHER, 2023, p. 80).

Por outro lado, há no pequeno exemplo de transgressão da ação da avó, um aprendizado de que em situações adversas, as mulheres criam meios para elas se manterem na resistência e insistirem por um momento de liberdade, mesmo às escondidas, ou na prisão imaginária das quatro paredes da casa forjada pelo patriarcado. Essa subversão feminina no conto, também pode ser pensada como herança para a menina, narradora-personagem da história. Enquanto sua avó organizava sua estratégia de impor seu grito no silêncio social que lhe era exigido pelos homens, a neta optou por criar sua fuga deste sistema no escuro: “Foi no escuro que os meus olhos encontraram o caminho. [...]. É no escuro que eu vejo verdadeiramente. Só é incômodo ainda quando ouço a velha pergunta que insiste em saber se está tudo bem” (MALCHER, 2023, p. 80).

O escuro representa, no imaginário cristão-patriarcal, o medo. Mulheres não podem enfrentar o escuro, não porque são atribuídas a elas historicamente, por este sistema ideológico à fragilidade, mas, o porquê se elas não sentirem medo do escuro, elas podem desfazer facilmente também, a ideologia social do muro imaginário que as colocou em prisões. É preciso a vigília cristã-patriarcal para manter a mulher no seu lugar de papel social. O conto traz mais essa reflexão:

Nunca vai estar, e é com isso que vou seguindo, sem ver problema em tudo não estar em seu devido lugar, até porque esse devido lugar carrega muita hierarquia, porque o lugar certo que meu pai era obstinado em me fazer estar era o lugar onde provavelmente eu morreria e às vezes sinto que morri. [...]. Queria um universo em que meu pai fosse uma ervilha (MALCHER, 2023, p. 81).

Qual o lugar da mulher, então? A narradora-personagem provoca o pensamento patriarcal em questionar a hierarquia social do lugar da mulher e do homem. No conto, representado por ela (narradora-personagem), pela mãe e pela avó, e do pai, respectivamente. Outro aspecto interessante é o desejo da filha em querer que o pai fosse ou se transformasse em uma ervilha. Dentre as múltiplas interpretações, neste estudo, avaliará a presença desta metáfora, a ideia de que a ervilha, por ser pequena, conseqüentemente tornaria o homem também.

Talvez os horrores que já viveram já fossem no seu devido lugar, não porque eu merecesse tamanha carga de sofrimento, mas porque sofrer poderia ser a única coisa que eu poderia receber, se em todas as possibilidades de vida, nascesse mulher, e nasci (MALCHER, 2023, p. 81).

Vale ressaltar no conto, o papel exercido pelo pai. A narradora-personagem, embora tente demonstrar ao (a) leitor (a) que desde criança o pai apresente por ela, alguma atenção, ela finge gostar da figura paterna, a que deveria ser a mais inspiradora. Em diferentes momentos da contação de suas memórias, a menina cresce tendo consciência do quanto à educação masculina do pai é tóxica e machista e que de uma forma ou de outra, trouxe muitos sofrimentos as mulheres da casa.

Era distante o meu olhar em relação ao da minha vó ou o da minha mãe, elas tinham visto a podridão de dentro dos homens, aquela que preenche cada órgão deles. E os meus castigos diante de tudo não paravam de existir, mas ainda não percebia, sempre demorei para prestar atenção nos machucados (MALCHER, 2023, p. 81-82).

O pai representaria então, o poder de opressão no espaço constituído por três mulheres. Significaria que “o homem (sexo masculino) encontrou uma forma de lidar com esse dilema existencial designando para si mesmo o poder de criar símbolos e para a mulher uma limitação de vida-morte-natureza” (LERNER, 2019, p. 246). Esta limitação feminina é retratada no conto, principalmente na figura da avó. Isso poderia se justificar por ela ser a mais velha do grupo de mulheres citadas na narrativa. A avó viveu com mais intensidade os valores e os costumes do patriarcado. Porém, a avó é também uma personagem que (re) significa o lugar da mulher neste sistema. Ela apresenta uma força, uma ousadia, uma criatividade para expor suas dores. No conto, é ela a responsável pela metáfora da cebola.

As *Camadas das memórias em lágrimas*, palavras escolhidas por Malcher para intitular seu conto, refere-se justamente a associação que a narradora-personagem faz das camadas de suas memórias e das cascas da cebola que sua avó descascava para chorar, como

é citado no conto: “E quantas vezes minha vó cortou cebolas para chorar em paz?” (MALCHER, 2023, p. 82). A avó é uma mulher que com o tempo, costura uma cultura da mulher em se livrar do sofrimento amoroso, familiar, doméstico.

Para Lerner (2019, p. 293), “a cultura da mulher é a base que sustenta a resistência das mulheres à dominação patriarcal e afirmação de sua própria criatividade ao moldar a sociedade”. Sendo assim, a avó ao cortar e descascar cebolas, usa uma possível desculpa de que a cebola incomodaria seus olhos e assim choraria... e quantas coisas não a incomodaria e ela não poderia falar, a não ser chorar, como uma forma de desabafo.

Semelhante à avó, a neta, narradora-personagem, destece as camadas de suas memórias para contar sua história. Neste processo, chama atenção, uma característica peculiar da narradora-personagem e, até das demais mulheres que participam da narrativa, elas ainda precisam valorizar a sororidade entre elas. A avó e a mãe conheciam as ações do pai, dos homens, a menina fingia em não saber, mas sabia.

O silêncio das mulheres perturbou a infância da narradora-personagem, que na vida adulta, reconheceu que elas poderiam ter feito muito mais que descascar cebolas e chorar, como se observa no trecho: “Ninguém é vítima, e sim como uma camada de cebola, que pode um dia ser retirada, mas nem sempre esquecida” (MALCHER, 2023, p. 82). Vale ressaltar que o silenciamento das mulheres, observado pela narradora-personagem e a consciência – mesmo na infância de que a situação de subalternidade delas em relação ao pai, não era normal.

Sobre essa questão é importante refletir acerca deste comportamento silenciado das mulheres pelo mito da feminilidade imposto pelo patriarcado. Para Beauvoir (2009), as mulheres estão destronando o mito da feminilidade aos poucos; estão começando a afirmar sua independência.

No entanto, a filósofa francesa alerta que essa desconstrução não é sem dificuldade, pois as mulheres não tiveram permissão a pensar, a expor sua subjetividade no decorrer de sua existência. Isso porque as mulheres foram:

Educadas por mulheres, no seio de um mundo feminino, [em que] seu destino normal é o casamento que ainda as subordina praticamente ao homem; o prestígio viril está longe de se ter apagado: assenta ainda em sólidas bases econômicas e sociais. É pois necessário estudar com cuidado o destino tradicional da mulher. Como a mulher faz o aprendizado de sua condição, como a sente, em que universo se acha encerrada, que evasões lhe são permitidas, eis o que procurarei descrever. Só então poderemos compreender que problemas se apresentam às mulheres que, herdeiras de um pesado passado, se esforçam por forjar um futuro novo. Quando emprego a palavra “mulher” ou “feminino” não me refiro evidentemente a nenhum arquétipo, a nenhuma essência imutável; após a maior parte de minhas afirmações cabe subentender: “no estado atual da educação e dos costumes”. Não se trata aqui de denunciar verdades eternas, mas de descrever o fundo comum sobre o qual se desenvolve toda existência feminina singular (BEAUVOIR, 2009, p. 07, grifos da autora).

As mulheres do conto *Camadas das memórias em lágrimas* retratam as situações debatidas por Beauvoir (2009): o poder da tradição, da herança de um passado pesado ou se esforçarem para mudar a educação e os costumes impostos pelo patriarcado. A avó, a que mais sentiu este peso, por uma circunstância até inusitada do cortar cebolas para chorar e expor seus sentimentos, paradoxalmente é a mulher que inicia esse esforço de mudança, até para mostrar para a neta um indício de que na casa, no cotidiano, na vida não está tudo bem.

A força da matriarca aos poucos, tornar-se-ia herança para a menina, não de uma tradição da educação das mulheres criada pelo patriarcado, mas, um exemplo de como essa menina poderia também pensar em estratégias para ser resistente a toda essa subordinação do mundo feminino criado pelos homens, que no conto representa – o papel do pai, que ela finge ser um herói e uma inspiração.

Por outro lado, vendo e convivendo com a opressão e o modo como a mãe e a avó são tratadas, no fundo, a menina sabe que o pai, o homem, naquela conjuntura, é o bicho papão. E agora, cabe a ela decidir se quer continuar o fingimento, que não deixa de ser a perpetuação da educação subordinada das mulheres aos homens ou aprender a ser insubmissa com o aprendizado da avó, isto é, não esconder mais seus sentimentos ou ações por trás das camadas das cebolas, mas, optar por ser uma mulher livre, independente para tecer novas histórias.

Conclusão

Após, essas leituras e interpretações do conto *Camadas das memórias em lágrimas*, apresenta-se uma breve conclusão para este estudo que teve como intuito selecionar passagens da narrativa de Monique Malcher que pudessem ser exemplos de mulheres que buscam meios para se livrar de uma educação masculina, pensada e cobrada para suas ações, seus comportamentos e controle de seus corpos.

Depois dessa seleção e entrelaçando conceitos dos estudos feministas de certas teóricas, a avaliação que se fez sobre a inquietação apresentada no título foi de que todas as mulheres apresentadas pela narradora-personagem, apesar de condicionadas ao pai – símbolo do poder patriarcal no conto – agem de modo insubmisso. Cada uma a sua maneira. Embora, este meio de demonstrar insatisfação do controle do pai que tudo pode em casa, em detrimento delas, a que mais é explícita em sua ação é a avó.

A avó ao decidir cortar e descascar as camadas da cebola para chorar em frente dos demais, não só usa aquilo como desculpa, mas também faz isso inúmeras vezes, sem nenhuma proteção ou preocupação em esconder o choro. Isso pode ser compreendido na leitura de que ela não está bem, assim como a própria mãe em dizer que os homens são maus.

De modo geral, o conto curto traz as ações de três mulheres que deixam claro um mal-estar no espaço doméstico pela ação do homem que não as valoriza. E ainda instiga em convencer a filha que ela é um anjo malvado, perpetuando o estereótipo do mal, dado à mulher pelo sistema patriarcal-cristão, de que mulheres insubmissas são personificações do mal. O pai já sabia que a menina seria herança da insubmissão e insatisfação da mãe e da avó e, teria um desenvolvimento intelectual mais segura de si do que as duas, por isso, fazia questão de fazer com que a menina se sentisse desumana e má, por agir de modo diferente.

Dessa maneira, o que se aprende com a análise deste conto é que as personagens femininas presentes na narrativa são exemplos de mulheres que não aceitam a identidade passiva e submissa delas diante do homem da família e fazem questão de demonstrar isso de alguma forma, em pequenas manifestações. Agindo assim, elas acabam por reivindicar para si, o direito de buscar uma válvula de escape para poder expor sua subjetividade e, quando fazem isso, valorizam-se diante de si mesmas e das mulheres que estão no seu convívio familiar para aprenderem a importância da autovalorização feminina, como a avó faz com a neta, por exemplo.

Logo, *Camadas das memórias em lágrimas* torna-se um recorte do caleidoscópio da escrita feminina de Monique Malcher que na atualidade (re) significa o tema, o modo criativo de ensinar as mulheres, os homens em suas diversidades, sobre como exemplos de biofemininas existiram nas memórias das meninas e como é relevante escrever sobre as mulheres que ensinaram aos poucos outras mulheres a edificar uma identidade que pudesse ser definida pela mulher em sua concepção por suas vivências sociais e culturais.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Trad. Sérgio Milliet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CIXOUS, Hélène. **O riso da Medusa**. Trad. Natália Guerellus e Raísa França Bastos. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2022.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Trad. Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

MALCHER, Monique. **Curriculo Lattes- Plataforma CNPq**, 2018. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4108343406702666>. Acesso em: 11 nov. 2023.

MALCHER, Monique. **Flor de Gume**. 1ª ed. 3ª reimp. São Paulo: Editora Jandaíra, 2023.

MALCHER, Monique. Sobre Associação Livre. In: **Instagram**, 25 de agosto de 2023a. Disponível em: <https://www.instagram.com/moniquemalcher/>. Acesso em: 11 nov. 2023.

ZIZANE, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e gênero: a construção da identidade feminina**. 2ª ed. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2013.

SOBRE A AUTORA

Cristiane de Mesquita Alves

Profa. Dra. Adjunta II do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará (ILC/UFPA). Pós-doutoranda em Literaturas Espanhola e Hispano-americana pela Universidade de São Paulo (USP). Líder do Grupo de Pesquisa Mulheres Amazônidas e Latino-americanas na Literatura e nas Artes (MALALAS/ UFPA-CNPq).

E-mail: crismesquita@ufpa.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1723-961>

Recebido: 17/04/23

Aprovado: 12/06/23